

A ÉTICA DA PSICANÁLISE EM TEMPOS SOMBRIOS:

a ilusão de um futuro

Escrito por Simone Brener, Alejandra del Ángel, Arely Hernández, Sandra Jiménez, Luz Hiram Laguna, Marionne Rubio, Paulina Torres, Daniela Verderi

Resumo

Embora a psicanálise surja em circunstâncias históricas específicas, Freud e Lacan colocam-na para além das condições culturais de uma determinada época. É assim que no presente trabalho propomos a pertinência de formular uma posição ética que produza um saber-fazer singular, não subordinado aos tempos sombrios do presente.

Dois são os atos do nosso ensaio, atos que nos concernem intimamente, de modo que não foi possível trabalhar num renunciando ao outro, impelidos a dar lugar a todas as nossas inquietações. A produção deste trabalho foi possível através da convergência, ponto de união de cada uma das nossas trajetórias, que resultou num esforço conjunto onde a "diferença fecunda estava presente na multiplicidade" de posições, não somente teóricas mas também idiomáticas, o que nos convidou a pensar e a examinar nosso trabalho desde de diferentes lugares, sem posições hegemônicas; interpeladas pela ética da psicanálise e pela obscuridade do mal-estar na cultura, que em muitas ocasiões suscita o apagamento da dimensão do sujeito que procura dar sentido ao real, sob a promessa da ilusão da completude e da felicidade. Assim, o nosso próprio ensaio reflete nossas posições sobre a "Ética da psicanálise".

Como enfrentar a condição sombria que nos habita, sem sucumbir ao imperativo da moral que visa o bem-estar e a vida serena? É possível manter um fazer singular, face a um sistema que promove formas homogêneas de ser e estar no mundo? Há espaço para a psicanálise numa época em que é oferecido o cálice da vida eterna, a pedra filosofal, a saúde mental através de novos tratamentos e técnicas inovadoras? Qual é o papel da psicanálise em relação à sua posição ética? Por que interrogarmo-nos sobre a ética da

psicanálise hoje? O que é importante rever à luz de um tempo que descrevemos como sombrio? É possível pensar num tempo que não seja sombrio, obscuro?

No sombrio, obscuro, se inclui a desgraça e o infortúnio, se englobam o sofrimento e a infelicidade. É aí, no que se apresenta como sombrio, que encontramos o medo constitutivo da nudez, da vida e de ganhar as prisões da serenidade, reiterada e regulada. Nada fala mais a favor do sombrio, obscuro, do que a busca da felicidade: a permanente inquietação humana em busca de um caminho único para estados de permanente completude e plenitude. Esta ilusão tem feito emergir posturas que vão desde a antiguidade grega com o mito do andrógino, a pedra filosofal, a fonte da juventude eterna ou o cálice da vida eterna, até às demandas atuais que apontam para um ideal de bem-estar e saúde mental.

A incerteza de como responder ao sombrio coloca-nos de duas formas: a primeira diz respeito a uma temporalidade que poderíamos abranger de forma progressiva e linear, identificando um período histórico; a segunda convida-nos a considerar a possibilidade de fazer um corte transversal e examinar a condição "sombria" em termos de subjetividade, no sentido de que o sujeito se constitui em falta. É precisamente nesta segunda perspectiva, a da subjetividade, que a psicanálise tem o seu lugar.

Se partirmos da primeira perspectiva, podemos pensar que já desde tempos anteriores, o problema da felicidade tem sido levantado por vários autores que tentam postular o caminho para consegui-la. Aristóteles, por seu lado, afirma que "o fim supremo do homem é a felicidade", circunstância que implica a escolha de um objetivo e a direção de conduta na busca desse objetivo. Kant, por seu lado, propõe um modo de pensar deontológico, uma linha que já implica uma definição de ação certa e errada, que coloca a abordagem sobre o mandato de um Mestre que decide o que é bom e o que é mau.

Os efeitos destas elaborações manifestam-se na relação do sujeito com os outros como semelhantes, que permitem sustentar estas ilusões ajudando a construir consensos a fim de estabelecer laços de ordem que permitam uma coexistência conveniente. Estes

consensos provêm de circunstâncias que dizem respeito à moral, uma vez que surgem como uma necessidade de regular os comportamentos, de tal forma que se produzam costumes, normas, mitos, acordos, leis, assim, formas de ordem necessárias. Isto implica uma dimensão que diz respeito à consciência e à vontade, uma vez que é proposta uma explicação racional, científica e teórica das regras morais, anulando qualquer possibilidade de existência de um registo inconsciente que se manifesta quando o indivíduo fica desprevenido para que algo da verdade do sujeito apareça.

Com base na segunda via proposta nos parágrafos anteriores, é Freud quem, no mais além do princípio do prazer propõe o utópico que resulta dos desígnios morais como meio para alcançar a felicidade plena, que se traduzem em ideais que só podem ser comandados pela pulsão da morte, e que Lacan colocará mais tarde do lado do gozo.

Certamente a psicanálise surgiu num determinado momento, em resposta a primazia da ciência na determinação do que é verdadeiro e materialmente real, a forma como avançaram os desenvolvimentos científicos e tecnológicos que caracterizaram o século XIX, bem como as correntes de pensamento que tentavam dar conta deles. Com o avanço da ciência, o homem tornou-se objeto de estudo e sua voz foi ficando subordinada ao discurso científico que fala em seu lugar. Esta situação foi advertida por Freud a partir do seu trabalho com pacientes histéricas, pedido para o qual não encontrou resposta através das técnicas da medicina. O olhar médico, os medicamentos e as investigações científicas anulam a voz do sujeito; o seu equilíbrio é buscado através de regulações químicas, em herança genética, em tendências biológicas, mas não em seu dizer.

Além disso, uma das premissas com que a era atual é porta-estandarte é o "Felizes para sempre", que nos convida constantemente a buscar mecanismos para satisfazer imediatamente o que supostamente são as nossas necessidades, através de um número ilimitado de experiências e do consumo constante de objetos como a *fast fashion*, as redes sociais, as cirurgias e as intervenções estéticas, assim como a utilização de novas tecnologias como a inteligência artificial, que com base em algoritmos produzem a ficção da

apropriação do ser e o apagamento da subjetividade, tudo em nome da satisfação, do bem estar, da beleza e da felicidade como fins primordiais e superiores que nos aproximam ao ameaçador. Estamos a falar de uma era de urgência, em que a configuração da subjetividade está perturbada pelo turbilhão do imediato e do novo, em que a diferença fica velada na cena. É assim que aparecem os semblantes dos nossos tempos conturbados: manequins que adornam os seus corpos com tatuagens, orifícios e marcas. Todos eles como murais em movimento, seduzindo com a sua imagem e capturando olhares, tornando-se corpos oferecidos ao Outro.

Neste estado de coisas, o futuro da psicanálise é o de um sintoma: é o futuro do sintoma do nosso tempo, cheio de pandemias, migrações, conflitos bélicos, violência etc. Como e de onde podemos pensar os vínculos que virão, face à inteligência artificial, ao imediatismo e ao sentido de urgência para entupir, compor e maquinar o humano?

A psicanálise como uma prática orientada para dar lugar à palavra que revela a verdade inconsciente, nasce em função de uma ética que lhe é própria e que nada tem a ver com as éticas de qualquer outra disciplina, nem de tempos anteriores ou posteriores. A ética da psicanálise coloca o desejo no seu cerne como causa, ou seja, tornado possível pela falta; neste sentido, não responde aos anseios de um determinado tempo, mas à estrutura em que se constitui a subjetividade. A sua pertinência reside na formulação de uma posição ética que produz um saber singular, implicando a necessidade de postular um lugar para aquilo que outras disciplinas tentaram obstruir: a angústia, a ansiedade, o sofrimento, o buraco; dimensões que não são extirpáveis, mas constitutivas da subjetividade.

Esta posição ética não repousa no domínio da consciência, mas deixa espaço para o que Lacan proporia como "a Coisa"; ou seja, a verdade com que a psicanálise trabalha não confere à astúcia nem ao pensamento ao nível do Eu. A dimensão que atravessa a demanda analítica não é sem equívoco, nem sem a relação do sujeito frente a verdade do seu desejo.

No seu sétimo seminário, A Ética da Psicanálise, Lacan interroga a natureza do desejo. Quando dizemos aqui que a ética a que nos referimos é a do desejo, se abre um problema fundamental que Lacan tentou formalizar durante os próximos vinte anos após esse seminário. As suas reflexões sobre "das Ding", em radical diferença com "die sache", introduzem o que alguns anos mais tarde chamaria objeto a, enquanto causa do desejo. "Das Ding" não é representável ou simbolizável, pois situa-se na falta; a partir desta relação com o buraco, Lacan formulou o que está em jogo na sublimação:

"Na definição de sublimação como satisfação sem repressão existe, implícita ou explicitamente, uma passagem do não saber ao saber, um reconhecimento do seguinte: que o desejo não é mais do que a metonímia do discurso da demanda. É a mudança como tal. Insisto nisso, essa relação propriamente metonímica de um significante com o outro que chamamos o desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a mudança do objeto em si mesmo". (Lacan, 2015, p. 360)

Esta falta constitui o cerne do sujeito, na medida em que se constitui em falta; implica sua condição desejante. Falta que não é reparável nem pode compensar-se de nenhuma maneira. Como podemos, então, pensar uma ética a partir de um vazio fundamental? Lacan nos orienta pela via do desejo, posição que separa a sua clínica de outras clínicas psi, que visam uma falsa restituição da relação com os objetos primários. Mesmo a psicanálise não escapa de cair nas armadilhas da ilusão da permanente demanda de felicidade, assim como o restabelecimento de relações fundamentais modernas. Vemos, então, que a condição sombria, obscura, anuncia a tragédia de um futuro de clínicas dirigidas na via de uma ilusão de progresso ou de melhoria:

"O que articulei este ano consistiu em mostrar-lhes [...] a distância percorrida, digamos, depois de Aristóteles - e fazer-lhes sentir até que ponto tomamos as coisas em um nível diferente, quão longe estamos da formulação de uma disciplina de felicidade". (Lacan, 2015, p. 359)

Lacan examina diferentes abordagens para articular a ética que se produz ao introduzir o desejo na sua dimensão de falta. Este olhar agudo revela o gozo em que se sustentam as mais elevadas práticas éticas. Assim temos que Kant, com a sua excelente moral, não é fundamentalmente diferente de Sade. A degradada moral em Sade não é mais perversa do que viver em função do cumprimento de ideais morais, ambos comandados por mandatos superegoicos. Tanto Kant como Sade permitem-nos perceber que o sujeito se coloca como o objeto que satisfaz a falta irreparável no Outro. A falta leva-nos a um "mais além" de restaurar a nossa própria condição sombria, sem nos darmos conta de como ela se perpetua enquanto os ideais guiam nossos atos.

Antígona, em sua condição trágica, permite uma articulação da ética da psicanálise. Perante a escolha de morrer ou de dar rituais fúnebres ao cadáver do seu irmão, ela opta pela dignidade, condenando-se assim à morte. A ética de Antígona implica uma escolha face aos ideais do ser; opera nela a falta de garantia que implica uma postura radical face à sua própria morte.

"Antígona apresenta-se como autónomos, pura e simples relação do ser humano com aquela de que miraculosamente se revela portadora, nomeadamente o corte significativo, que lhe confere o poder intransponível de ser, face a tudo, o que ela é". (Lacan, 2015, p. 348)

Antígona encarna a condição obscura da subjetividade: "nada é do que não nasceu e tudo o que existe vive apenas na falha do ser". Como podemos pensar que Antígona encarna o desejo de morte? A ética da psicanálise é produzida pela morte do ser: "[...] pela virtude do significante e na sua forma mais radical". No significante, e na medida em que o sujeito articula uma cadeia significativa, ele sente que pode estar em falta na cadeia do que ele é". (Lacan J. , 2015, p. 362)

A prática psicanalítica dá lugar à articulação de uma ética em que o sujeito tem de lidar com a sua própria falta e que mostra que não há garantias, que o Outro está castrado. Desde este lugar, a demanda de felicidade, tingida com certos elementos culturais e

temporais, irá sempre ao encontro da impossibilidade da sua satisfação. Na voracidade do consumo do nosso tempo, em que as clínicas de "saúde mental" prometem satisfazer uma demanda, a psicanálise coloca-se, por outro lado, na posta em prática de uma ética singular: a ética do desejo.

A sua posição ética permite à psicanálise questionar as respostas que outras abordagens anseiam postular perante a fatalidade dos tempos e do próprio sujeito. A posição da implicação oferecida pela abordagem científica, sobre os medicamentos que oferecem dar uma linha de intervenção que localiza a causa do mal-estar total no orgânico, deixa de fora a singularidade da própria subjetividade. A abordagem da vontade e da consciência na concepção de um futuro ilusório face à demanda atual de eficácia imediata sobre o sintoma, responde à utopia de obter a felicidade não como um instante efêmero, senão como uma completude alcançável.

Face ao acima exposto, é apropriado perguntarmo-nos: quais são as questões que seriam importantes formularmos sobre a psicanálise, a prática de quem a exerce, o indivíduo que a demanda e os tempos conturbados?

Se, como temos observado, nem o tempo nem o espaço são fatores que intervêm para transformar a disciplina, então pode-se vislumbrar uma diferença entre o que a própria disciplina implica e os efeitos que produz, toda vez que a própria história nos dá evidências de que os desconfortos que afetam os humanos hoje são os mesmos em qualquer parte do mundo e em qualquer momento da história, o que nos levou a utilizar mitos para tornar suportável tudo o que se repete. Um olhar à literatura, através de Anton Chekhov num dos seus contos no final dos anos mil e oitocentos, leva-nos a considerar isso:

"pensava que esse mesmo vento tinha soprado nos tempos de Riurik, de Ivan o Terrível e de Pedro, e que naqueles tempos havia a mesma terrível pobreza, fome, os mesmos telhados esburacados, ignorância, tristeza, o mesmo deserto por todo o lado, escuridão, sensação de opressão - todos esses horrores foram,

eram e seriam - e mesmo que passassem mil anos a vida não seria melhor..."

(Tchekhov, 2023).

Lacan, sempre se nutrindo de diversas disciplinas, faz uma proposta subversiva que pode ser vista no Seminário 7, no qual denomina ética da psicanálise algo diferente do que até então tinha sido entendido como ética, enquanto sinônimo de moral, colocando a psicanálise num lugar diferente, uma vez que os elementos que se juntam no desenrolar do seu trabalho têm a ver com o sujeito e com a verdade do seu desejo. Como ele próprio assinala no início do seminário:

"Sob o termo ética da psicanálise está agrupado o que nos permitirá, mais do que em qualquer outro campo, pôr à prova as categorias através das quais acredito poder dar-lhes, no que vos ensino, o instrumento mais adequado para destacar o que a obra de Freud e a experiência da psicanálise que dela emerge trazem de novo". (Lacan, 2015, p. 9)

Correndo o risco de ser repetitivo, mas por uma questão de pontualidade, vale a pena notar que o que engloba a moral da qual Lacan se afasta, tem a ver com princípios que regem um comportamento cujos efeitos pretendem conduzir e julgar. É compreensível, portanto, que Lacan tenha se distanciado da instalação de uma proposta de princípios rígidos, que teria de ser alojada numa instituição cujo objetivo seria o de julgar com base na elaboração de argumentos apresentados de acordo com a história de quem tivesse interesse em fazê-lo, à maneira de um tribunal.

Estaríamos longe de nos colocarmos na lei que rege o subjetivo, que não se trata do estabelecimento de princípios específicos e rígidos que estabelecem um único bem e um único mal, emitindo um juízo sobre o humano, que tem antes de confrontar o inconsciente, que rege a subjetividade e os mecanismos que o determinam e que regulam a sua relação com o mundo, destinando-o a ações fora da sua vontade que, perante um olhar institucionalizado, poderiam revelar-se amorais. Evidentemente, falar do subjetivo é falar da verdade do sujeito, e a possibilidade de isso acontecer, coloca-nos perante a singular

produção da realidade do próprio sujeito, que só pode ser fantasmática, ao mesmo tempo que é influenciada pela realidade material.

Como as suas condições, pensemos que ambas as realidades são regidas por leis diferentes e, portanto, o mesmo acontece com elas. Por um lado, a realidade psíquica é regulada pelo princípio do prazer e pelo princípio da realidade; Lacan refere-se a ela como fantasmática e a psicanálise propõe a via do seu fazer ali através da singularidade e da impossibilidade de controlar esta realidade, uma vez que os elementos que a compõem estão contidos numa lógica simbólica. Por outro lado, a realidade material é regulada por uma lei autoritária que determina as regras e mandatos a proibir e a permitir, e o seu objeto é dirigido ao social.

Evidentemente, a articulação de ambas as leis na subjetividade humana produz efeitos que só podem ser compreendidos a partir do entendimento de que existe uma lógica diferente que regula cada uma delas. No entanto, ambas são importantes e coexistem na existência humana e cumprem funções que não podem ser ignoradas.

Assim, quando falamos da ética da psicanálise, estamos necessariamente qualificando a lei que rege a subjetividade e o que a comanda, de tal forma que busque que o sujeito possa ser responsável por agir de acordo com a verdade do seu desejo, mais além da implementação de códigos de atuação de quem a exerce e dos tempos em que a exerce, que estariam enquadrados na moral que tem efeitos sobre a realidade material, o que nos permite recordar a situação de mal-estar que isso provoca nos sujeitos.

Pensar a psicanálise como uma função ordenadora regida por uma ética levar-nos-ia a concluir, como Allouch (2010) assinala, citando Freud, que o seu método seria uma calamidade que evidencia a incompatibilidade entre ambas, já que "não existe uma ética apropriadamente psicanalítica" (Allouch, 2009, p. 17), o que reforça a afirmação que Lacan faz anos mais tarde nos Escritos 2, de que "[...] a moral [é] reconhecida desde Kant como uma prática incondicional da razão", onde o inconsciente não teria lugar". (Lacan J., 2009, p. 744).

Se falamos de uma qualificação sobre um atuar do analista no exercício da sua práxis, estaríamos analisando as causas relativas com este exercício; não estaríamos referindo-nos nem à psicanálise como uma disciplina, nem ao seu objeto como uma análise do sujeito em relação à verdade do seu desejo. Como Allouch coloca, "Há apenas um erro e consiste em que esta função de causa, no método analítico freudiano, só pode ser referida ao analista e não à análise", o que implicaria que a avaliação da determinação ética recairia sobre os elementos que se opta por valorizar em relação à prática do analista, ou seja, o que se decide relatar. (Allouch, 2009, p. 120).

É importante fazer estas considerações, pois, se a psicanálise deve ser condenada à avaliação da sua ética como prática dos analistas, vale a pena interrogarmo-nos: então, seguiria existindo a psicanálise? Seu interesse seria sobre a verdade do desejo do sujeito ou tornar-se-ia um instrumento forçando para o cumprimento de determinadas normas que, por serem dadas, anulam a subjetividade? A tudo isto, a psicanálise não pretende oferecer uma resposta, mas sim dar lugar a perguntas que não estão ancoradas numa determinada época. A ética da psicanálise oferece uma abordagem que nos permite situar "a coisa que nos fala, ou melhor, que fala em nós" (Lacan J., 2009, p. 420).

A escuta psicanalítica aponta ao real da subjetividade em sua singularidade, naquilo que não foi lido e que, a título de surpresa, emerge no inédito do sujeito de maneira subversiva. Esta subversão está subordinada à representação da palavra, que é assumida pelos significantes que habitam o próprio sujeito. A sublimação na pluralidade das suas manifestações artísticas é descartada pela condição sombria do mal-estar na cultura, que visa a classificação e a produção em massa, mesmo do trabalho criativo.

A ética da psicanálise, assim como todas as expressões artísticas, visa a verdade do desejo do sujeito. Será Lacan a assinalar: "toda a arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno deste vazio" (Lacan J., 2015, p. 163).

SOBRE A ARTE

e chegar finalmente, como vós, a portos extraordinários!

Fugir convosco da civilização!
Perder convosco a noção da moral!
Sentir que troca minha humanidade na distância!
Beber convosco nos mares do sul
novas misturas selvagens, novos transtornos da alma!
novos fogos centrais no meu espírito vulcânico!
Ir convosco e despir-me - ah, fora!
meu vestido tão civilizado, minha suavidade de atos!
meu medo inato das prisões
e minha vida serena,
estabelecida e estática, repetida e regulada!

Álvaro de Campos, Tributo Marítimo (De Campos, 2014)

O texto de Pessoa é a colocação em letras do desejo que habita no sujeito por fugir da vida serena, civilizada, estática e regulada. Ânasia de se despir e beber as novas misturas selvagens, queimar-se com os fogos do espírito e deixar-se habitar pelo desejo. Os heterônimos de Pessoa revelam a divisão do sujeito: que não há um sem o Outro e que a vizinhança entre eles é o que desdobra o ser da linguagem no exílio da pátria civilizada. Através da sua escrita, Pessoa, Caeiro, Campos, Reis e Soares enfrentam a desgraça, o infortúnio e o sofrimento que implicam a condição humana. Assim, no fazer literário de Pessoa, ele se faz de múltiplas formas, sem se submeter a um único caminho de plenitude soberana.

Sob este teor, Álvaro Campos evidencia o trabalho do artista, afastando-se do objeto (substantivo) para se preocupar com o sujeito (o que sofre), dando lugar a um subjetivismo próximo da consciência do absurdo; ou seja, não é o objeto que produz sofrimento, mas propõe uma apreciação subjetiva que, como é nomeada, é distorcida. Já não importa o que está ao redor da voz lírica: um rosto que olha, um corpo que nomeia, uma árvore que toca.

O que importa é quem olha, o que nomeia, o que toca, e o efeito que tem sobre aquele que olha, nomeia e toca, para cair na falta de sentido.

Tal como a arte, a psicanálise abre a porta para dar lugar ao que permanece fora da busca do homem pelo seu bem; é desse inefável que a psicanálise é convocada: o sem sentido, o absurdo, o equívoco, o extremo, o buraco. Como Lacan afirmou:

"Pois a intenção mais inocente se desconcerta quando já não consegue esconder que os seus atos falhos são os mais bem sucedidos e que seus fracassos satisfazem os seus desejos mais secretos. [...] Vagueio no que consideram o menos verdadeiro por essência: nos sonhos, no modo em que as inteligências mais rebuscadas e os disparates mais grotescos da retórica desafiam o sentido, e ao acaso - não na sua lei, mas na sua contingência" (Lacan J., 2009, p. 379).

Tanto a psicanálise como a arte são subversivas, revolucionárias. Ambas aparecem como manifestações discursivas que refletem a sociedade do momento, advertindo-nos sobre seus perigos e seus desconfortos. Como diria Lacan: "o artista está sempre à nossa frente". (Lacan J, Intervenções e Textos 2, 2001).

No seu posicionamento subjetivo, aquele que faz arte torna possível a criação de certas significações que rodeiam a Coisa. Como Harari indica:

"o artista é quem transforma um fantasma num bem de reconhecimento coletivo. Poder-se-ia dizer que é alguém que transforma o privado em público, mas que compreende o privado no sentido de uma falta, de uma ausência. O privado do artista é semelhante ao privado para as pessoas comuns: a sociedade não pode deixar de reconhecer que coloca esta circunstância ao seu alcance, que ousa manifestar aquilo que outros não ousam expressar" (Harari, p. 155).

Tanto o artista poderia ser um autor, como o analista um herói da tragédia da sua vida, convertendo-a num drama, pela via do desejo. Aqui não há finais felizes, mas sim produções que possibilitam a via do desejo e sua verdade. Tal como o lapso, a obra de arte está

situada num lugar que dá conta de algo que excede o que se tenta dizer. Nas palavras de Harari: "o que importa à psicanálise não é a denúncia do que tem ali de errado, mas sim a escuta de uma verdade que é dita de formas diferentes" (Harari, p. 137).

Ao falar de arte e a psicanálise, é pertinente considerar a sublimação e a sua indubitável relação com o mal-estar na cultura, que dá lugar à manifestação da subjetividade através da arte.

"O terceiro resultado de uma disposição constitucional anormal é tornado possível pelo processo de sublimação. Nela, as excitações hipertensivas provenientes das várias fontes da sexualidade são drenadas e utilizadas noutros campos [...] Aqui tem que discernir-se uma das fontes da atividade artística [...]" (Freud, 1905).

No início, Freud mostra a relação entre sublimação e criação artística para, depois, continuar seu desenvolvimento em correspondência às suas implicações sociais. Já desde 1908, em A moral sexual "cultural" e o nervosismo moderno, Freud começou a esboçar a relação que existe entre a vida pulsional e a cultura, inclusive James Strachey qualificaria dito texto como "o primeiro exame minucioso de Freud sobre o antagonismo entre a cultura e a vida pulsional"; e aqui a sublimação, esse ponto de encontro como vemos no poema de Pessoa, o desejo do sujeito que se encontra - que colide, que bate - com as exigências da civilização, será impossível de materializar, mas não inteiramente, haverá uma saída possível para descobrir como transformar essas demandas: arte, neste caso a escrita, como um produto de sublimação.

Freud argumenta que um bom número das nossas realizações culturais se deve à sublimação, e a este respeito diz: "nossa cultura é construída sobre o sufocamento das pulsões. Cada indivíduo entregou um fragmento da sua herança, da plenitude dos seus poderes, das inclinações agressivas e vingativas da sua personalidade. Destas contribuições nasceu a herança cultural comum de bens materiais e ideais". (Freud, 1908)

Será a arte, a partir do seu estatuto de patrimônio cultural e através do artista como criação, que permitirá dar conta das sufocações que surgem do encontro antagônico de duas realidades de que a cultura é, por sua vez, causa e efeito. A aposta da psicanálise será dar conta de uma forma diferente que consiga superar a repressão e o sintoma, dando lugar a revelações da vida psíquica da qual não se sabia que se sabia algo.

Em relação à criação, Lacan relaciona a função de sublimação com a arte, propondo que "um objeto pode cumprir essa função que lhe permite não evitar a coisa como significante, mas representá-la, na medida em que esse objeto é criado" [...] "A sublimação tem a possibilidade de fazer algo com o vazio, e aí reside a proeza da arte" (1959-1960). É esta operação, como Lacan indica, que eleva um objeto à dignidade da Coisa, um ato corajoso que poucos ousam empreender, de rodear o vazio e pô-lo em jogo, na medida em que se refere a si próprio para fazer algo com ele.

A ética da psicanálise não é a ilusão de uma certeza, mas de um futuro que associa sonhos, com sintomas que apostam na vida, que põe fim à insistência da pulsão da morte nestes tempos conturbados. Assim, a palavra grita para tomar a palavra, sendo a pulsão *invocante* aquela que toma conta do espaço habitado pelo sujeito.

O espírito em que se funda a psicanálise segue vigente, qualquer que seja o tempo, e é precisamente esta posição que a diferencia de outras disciplinas.

À guisa de conclusão, é conveniente citar a afirmação de Miller: "[...] as questões técnicas são sempre questões éticas, e isto por uma razão muito precisa: porque nos dirigimos ao sujeito. A categoria do sujeito não é uma categoria técnica. A categoria de sujeito, enquanto tal, só pode ser colocada na dimensão ética". (Miller, 2006, p. 4)

BIBLIOGRAFIA:

Lacan, J. (2001). *Intervenciones y Textos 2*. Buenos Aires: Manantial.

Lacan, J. (2009). *Escritos 1, La cosa Freudiana o sentido del Retorno a Freud en psicoanálisis*. México: Siglo XXI.

Lacan, J. (2009). *Escritos 2*. México: Siglo XXI.

Lacan, J. (2015). *El seminario de Jacques Lacan: libro 7: la ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.

Chéjov, A. (01 de 04 de 2023). *Literatura.us*. Obtenido de Literatura.us:

https://www.literatura.us/idiomas/ac/ac_diante.html

Allouch, J. (2009). *La etificación del Psicoanálisis. Calamidad*. México : Me cayó el veinte.

De Campos, Á. (2014). *Pessoa, Fernando - Poesía III. Los poemas de Álvaro de Campos*.

Abada Editores.

Freud, S. (1905). *Obras Completas de Sigmund Freud. Volumen VII. – Tres ensayos de teoría sexual y otras obras*. Buenos Aires & Madrid: Amorrortu Editores.

Freud, S. (1908). *Obras Completas de Sigmund Freud. Volumen IX. – La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna*. Buenos Aires & Madrid: Amorrortu.

Harari, R. (s.f.). *Ética*.

Miller, J. – A. (2006). *Introducción al método psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.